

Razões para peregrinar: experiências devocionais no Santuário do Sagrado Coração de Jesus da Gruta da Mangabeira (Ituaçu - BA, 1900-1950)

Edilece Souza Couto ¹

Tânia Maria Meira Mota ²

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i38.54840>

Resumo: O artigo trata da vivência religiosa em Ituaçu – BA, cidade da Chapada Diamantina, na primeira metade do século XX. Por meio dos relatos orais, da documentação eclesíastica e das crônicas, apresentamos as narrativas, sobre a origem e o desenvolvimento das devoções, elaboradas pelos agentes religiosos: devotos, romeiros, peregrinos, promesseiros e clérigos, que fazem do ato de peregrinar a própria vida como viagem. Anualmente, entre os meses de agosto e setembro, os devotos e romeiros ocupam a Gruta da Mangabeira com seus cantos, benditos, rezas, ladainhas, novenas e procissões. A pesquisa demonstrou que, naquele espaço sacralizado, os fiéis rendem graça, renovam seus votos e promessas e re-atualizam seus mitos, sua fé e suas crenças.

Palavras-chave: Peregrinação; Romaria; Sagrado Coração de Jesus; Catolicismo; Ituaçu – BA, Brasil.

Reasons for pilgrimage: devotional experiences in the sanctuary of the Sacred Heart of Jesus of the Gruta da Mangabeira (Ituaçu - BA, 1900-1950)

Abstract: The article discusses about the religious experience in Ituaçu - BA, city of Chapada Diamantina, in the first half of the 20th century. Through oral reports, ecclesiastical documentation and chronicles, we present the narratives, about the origin and development of devotions, elaborated by religious agents: devotees, pilgrims, clerics and promises, who make the act of pilgrimage their own lives like a travel. Annually, between September and October, devotees and pilgrims occupy the Gruta da Mangabeira with its songs, blessings, prayers, litanies, novenas and processions. The research has shown that, in that sacred space, the faithful yield grace, renew their vows and promises and re-update their myths, their faith and their beliefs.

Keywords: Pilgrimage; Pilgrimage; Sacred heart of Jesus; Catholicism; Ituaçu - BA, Brazil.

¹ Professora Associada do Departamento de História - Universidade Federal da Bahia; doutora em História - Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Assis-SP. Email: edilece@ufba.br.

² Professora Aposentada da Rede Pública Estadual de Ensino da Bahia; mestre em História – Universidade Federal da Bahia – UFBA. Email: taniammota01@gmail.com.

Razones para la peregrinación: experiencias devocionales en el santuario del Sagrado Corazón de Jesús de la Gruta da Mangabeira (Ituaçu - BA, 1900-1950)

Resumen: El artículo trata sobre la experiencia religiosa en Ituaçu - BA, ciudad de Chapada Diamantina, en la primera mitad del siglo XX. Mediante informes orales, documentación eclesiástica y crónicas, presentamos las narraciones, sobre el origen y el desarrollo de las devociones, elaboradas por agentes religiosos: devotos, peregrinos, clérigos, peregrinos y promesas, que hacen del acto de peregrinar sus propias vidas como viajar. Anualmente, entre los meses de septiembre y octubre, los devotos y peregrinos ocupan la Gruta de Mangabeira con sus canciones, bendiciones, oraciones, letanías, novenas y procesiones. La investigación ha demostrado que, en ese espacio sagrado, los fieles rinden gracia, renuevan sus votos y promesas y actualizan sus mitos, su fe y sus creencias.

Palabras Clave: Peregrinaje; Peregrinaje; Sagrado Corazon de Jesus; Catolicismo; Ituaçu - BA, Brasil.

Recebido em 30/11/2018 - Aprovado em 17/12/2018

Introdução

O artigo trata da vivência religiosa em Ituaçu, cidade localizada na porção sul da Chapada Diamantina, no sudoeste do Estado da Bahia, a 524 km de Salvador, entre os anos de 1900 a 1950. A cidade tem como padroeira Nossa Senhora do Alívio e outra devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Esses dois cultos se delinearam na região quando Ituaçu ainda era a Vila Agrícola de Nossa Senhora do Alívio do Brejo Grande. Discutimos as funções da devoção e o papel das romarias na legitimação do Santuário da Gruta da Mangabeira, bem como a atuação de agentes – devotos locais e de lugares distantes, romeiros, clérigos, peregrinos e promesseiros – que, no exercício de suas práticas religiosas, compõem o cenário de nossa pesquisa, ao inscreverem na história de suas vidas experiências múltiplas, vivenciadas no domínio do sagrado, onde o ato de peregrinar se assemelha à própria vida como viagem.

O Santuário do Sagrado Coração de Jesus está localizado na caverna denominada Gruta da Mangabeira, no povoado do mesmo nome, em Ituaçu. Situada a cerca de 3,5 km da sede do município, a gruta que abriga o santuário é a 12ª em extensão no Brasil, com 3.230 metros e a única com iluminação cênica no Estado, num trecho de 850 metros, sendo o restante do percurso feito com o auxílio de lampiões à gás e lanternas. O termo mangabeira atribuído ao povoado, deu-se em virtude da existência, nessa área que envolve o morro onde se localiza a caverna, de grande quantidade de uma árvore da família das apocináceas, cuja fruta, a mangaba, já era conhecida pelos índios guirigós que habitavam a localidade (GUIMARÃES, 2004, p. 344).

Na tradição oral da região, a origem do santuário está ligada à lenda do vaqueiro que ao cair de uma grande altura, no interior da gruta, teria clamado pelo auxílio do Sagrado Coração de Jesus, de onde saíra sem nenhum ferimento. A partir da divulgação dessa narrativa, a grande lapa tornou-se palco de manifestação de fé, uma espécie de centro mítico, “capaz de produzir poderosos sentidos e significados para seus devotos” (STEIL, 1996, p. 37), atraindo romeiros e penitentes de várias localidades da Bahia, de outros estados do Brasil e de outros países, que convergem todos os anos para a região.

Os romeiros costumam chegar a Ituaçu depois dos festejos de Bom Jesus da Lapa³, numa afluência contínua a partir de 25 de agosto, início da novena, até o final de setembro, sendo o dia 3 do referido mês o ápice dos festejos em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus. No entanto, vale ressaltar que, em menor escala, muitas caravanas costumam estender as visitas ao santuário até o final do mês de outubro. Segundo o Centro de Informações dos Romeiros, estima-se que cerca de 100 a 150 mil devotos visitam anualmente o santuário, fluxo considerado significativo para a cidade que, de acordo com estimativa do IBGE/2019, possui uma população de 18.962 habitantes.

Os relatos fundadores das devoções locais e a legitimação do caráter sagrado destas, mesmo tendo partido dos leigos, foram apreendidos pela Igreja Católica que imprimiu àquelas, o seu ritmo, alinhando as práticas religiosas locais a um catolicismo institucionalizado à moda romana, sem, no entanto, romper com as noções de milagres, visto que estes últimos davam legitimidade às ações das romarias. Por intermédio da análise da história da criação da Paróquia de Nossa Senhora do Alívio, as atividades religiosas na região foram centralizadas na figura dos párocos, assumindo as feições dos padrões romanos de administração paroquial. No entanto, os elementos dessa tendência romanizada entrecruzaram-se com os ritos e crenças do catolicismo tradicional (luso-brasileiro, de características medievais, leigo, familiar e devocional), permitindo aos devotos reinterpretarem essas práticas de acordo com suas necessidades espirituais.

Nessa perspectiva, o catolicismo desenvolvido na região ganhou também um sentido devocional, dando lugar a uma infinidade de práticas religiosas, como o culto aos santos. E em primeiro lugar, Nossa Senhora, intitulada originalmente Nossa Senhora da Conceição no mundo devocional português e depois desdobrada em seus mais variados títulos, no caso presente, Nossa Senhora do Alívio, bem como as rezas, ladainhas, novenas, procissões, peregrinações e as romarias ao Sagrado Coração de Jesus, nosso

³ A cidade de Bom Jesus da Lapa está localizada no Centro-Oeste do Estado da Bahia, a 900 km de Salvador. Foi como centro de peregrinação religiosa – culto ao Bom Jesus – que a Lapa ganhou notoriedade, tornando-se uma referência para toda a região. A cidade vive em torno do santuário que fez desta um centro de turismo religioso, onde sua população, direta ou indiretamente, vive da romaria, constituindo a base de sua economia.

principal foco. Dessa conexão religiosa, entre santos e devotos, presente no universo ituaçuense, estão as duas principais devoções: Nossa Senhora do Alívio e o Sagrado Coração de Jesus.

A primeira, de acordo com Leonídio de Abreu, citado por Guimarães (2004), remonta à segunda metade do século XVIII, em Portugal, com o milagre de cura do abade Francisco Xavier Leite Fragoas que se encontrava gravemente enfermo. Em Ituaçu, a devoção surgiu no século XIX, provavelmente à época da elevação da Capela Religiosa do Brejo Grande, dedicada ao culto de Nossa Senhora do Alívio, em agradecimento pelo milagre alcançado por um português que estivera na localidade do Brejo Grande. O santuário de Ituaçu, dedicado à referida santa, teve construção em 1860, com inauguração solene em 15 de agosto, conforme documentação religiosa da paróquia.

Já a segunda, o Sagrado Coração de Jesus, é o bastião das devoções romanizadas, incentivadas pela Igreja Católica por serem dirigidas pelo clero, zeloso da ortodoxia. De acordo com Edilece Couto (2010, p. 83), grupos como o Apostolado da Oração e as Filhas de Maria e suas respectivas devoções – Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria – foram criados pelo clero reformador, no século XIX, almejando transformações no culto aos santos tradicionais patrocinados por associações leigas, especialmente pelas irmandades. Em Ituaçu, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus se expandiu a partir do mito fundador que deu origem às romarias ao Santuário da Gruta da Mangabeira, sem interferências diretas da reforma do catolicismo. Porém, há que se levar em consideração que essa devoção foi instituída, no Brasil, pelos bispos reformadores e houve incentivo para seu desenvolvimento na região em estudo.

Um santuário na gruta da mangabeira: a origem, a sacralidade e a construção do imaginário

A história da formação do povoado da Gruta da Mangabeira confunde-se com a da povoação do Brejo Grande. Há referências no livro de tomo da freguesia que essa localidade já era de conhecimento dos desbravadores da região, nos tempos coloniais, o que nos leva a inferir que esta é conhecida desde a segunda metade do século XVIII (LIVRO..., 1897, p. 3). Há evidências de que a descoberta da caverna e a sacralização do seu espaço tenham contribuído de forma significativa para a formação do povoado e para o início das romarias. Porém, outros fatores devem ser levados em consideração, como por exemplo, as migrações de indivíduos pobres em busca de melhores condições de vida. Conforme afirma Erivaldo Fagundes Neves (1998, p. 191), em virtude das secas que ocorreram na segunda metade do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, houve uma emigração “espantosa” de gente das Lavras do Rio de Contas e outros lugares, fugidos da fome. No entanto, os moradores mais antigos, apesar de não descartarem essa

possibilidade, afirmam que as romarias para a região foram fator preponderante na formação do núcleo populacional no entorno da gruta e adjacências, o que deixa entrever uma forma destes legitimarem a cidade e seus lugares de culto.

O ato de peregrinar, viajar por terras distantes, pode ser individual ou em grupo, sobretudo familiares, ou com quem se tem laços de sociabilidade. Porém, quando o grupo tem uma razão religiosa, quando viaja para “Explorar os lugares santos com os pés, os olhos, o coração e as lembranças” (FRANÇA, 2017, p. 9), então, trata-se de uma peregrinação religiosa, uma romaria. Os sujeitos que percorriam grandes distâncias, a pé, no lombo dos animais ou em paus-de-arara, ou que ainda viajam em carros particulares, ônibus e lotações, até a Gruta da Mangabeira, peregrinam animados pelo sentimento religioso, identificação e pertencimento com aquele espaço, que deixou de ser apenas uma cavidade natural rochosa para se tornar um lugar de manifestação do sagrado.

Ao rememorar o tempo em que ainda era menino, por volta da década de 1940, e acompanhava seu tio nas viagens em romaria ao santuário do SCJ, Seu Jason revela:

Eu sou sobrinho do finado Maroto por parte de pai. Vinha com ele. Era tradição da família toda. Vinha de pé [...] vinha de jegue, de cavalo; vinha tudo aqui por cima desse morro aí pra frente (referindo-se ao morro onde se encontra a gruta que abriga o santuário do Sagrado Coração de Jesus). A gruta era cheia de água! Só tinha um espaçozinho pra gente passar! O Povoado daqui era uma cerca de quiabento⁴ de fora a fora, e era tudo chão, era aquela terra terrível, era um poeirão doido, esse bequinho ai , os caras trabalhava nele ai, só via quando o vento batia lá , só via um poeirão, armava barraca com aquelas ripas, vara, ia no mato tirar, fazia as barrinhas , botava as coisas por baixo e depois ia colocando por cima da banca, quando não era bagaço era aquele mandacaru seco, que o faixo era muito bom, era uma coisa muito interessante naquele tempo (SILVA, 2014, p.1).

⁴ Da família das cactáceas, o quiabento é um arbusto muito encontrado nas caatingas e, em função de sua capacidade de resistência às secas, é muito utilizado na confecção de cercas. Em Ituaçu, essa planta é encontrada em grande quantidade, especialmente no entorno da Gruta da Mangabeira, e por isso muito utilizada para limitação de fronteiras de muitas propriedades locais, principalmente as mais simples e humildes.

A narrativa acima evidencia a visão que o entrevistado tinha do povoado da gruta, local descrito por ele como um lugar distante, ermo, empoeirado, que exigia longas e penosas viagens. Aquele era, portanto, um espaço caótico, mas, que o povo de fé, por intermédio das romarias, o organizou e o sacralizou (ELIADE, 2010). Além disso, as dificuldades enfrentadas para a ocupação do espaço traduzem o sentido da romaria como penitência e como uma exaltação simbólica do sofrimento, característica de quase todos os centros de peregrinação cristã.

Assim, encravado no seio de uma imensa rocha, ao pé do morro da serra das mangabeiras, está a grande caverna que abriga o Santuário do Sagrado Coração de Jesus. Com extensão de três quilômetros e setenta e cinco metros no subsolo da serra, a gruta constitui-se em um excepcional monumento natural, com suas formações naturais em forma de animais, objetos, figuras sacras, passagens bíblicas, atributo construído *a posteriore*, combinando aspectos turísticos e religiosos. Vale lembrar que a forma não está necessariamente no objeto, mas em quem vê, cria e lida de forma religiosa com estes. Portanto, os devotos não só criam tais objetos, mas os reconhecem.

Dentre as inúmeras descrições registradas na literatura local, sobre a Gruta da Mangabeira, está a de Zilteman Wanderley (1957), advogado, natural de Ituaçu, que em sua obra “A Gruta da Mangabeira”, narra num tom poético:

Admiração e surpresa são os sentimentos que dominam o visitante dessas maravilhosas obras da natureza, que nos fazem lembrar daqueles antros proféticos onde as Pitonizas gregas proferiam os seus oráculos em nome das divindades, ou parece-nos estar na solidão mortal dos mausoléus ou nas famosas catacumbas romanas. Igual impressão e semelhante indagação fará extasiada quem visitar hoje uma majestosa caverna que se acha escondida no alto sertão baiano. Esta obra monumental, que a mão do Eterno parece ter construído para lhe servir de templo, deslisa tranquila e pitorescamente sobre o município de Ituaçu e é conhecida pelo nome de Gruta da Mangabeira (WANDERLEY, 1957, p.22).

O autor associa as formações rochosas da Gruta da Mangabeira a elementos da mitologia grega, a exemplo dos espeleotemas do interior da caverna que lembram corpos envolvidos em vestes moldadas por drapeados, às pitonisas gregas (sacerdotisas do Oráculo de Delfos, na Grécia Antiga) em seus altares; compara ainda essas formações a

aspectos relacionados às tradições da arquitetura religiosa romana, como as longas galerias e labirintos formados por estalactites e estalagmites, que remetem aos mausoléus e catacumbas que serviam para sepultar os mortos e cultuar Deus e os santos.

Ainda nesse mesmo sentido, caminha a descrição do viajante e inspetor de destacamentos policiais do Governo da Província, Durval Aguiar, em visita à região, entre os anos de 1882 e 1883:

O teto é naturalmente embelezado por estalactites pendentes, fingindo candelabros [...] com esta sublime arte que só a natureza emprega, altares, molduras de ricas talhas, púlpitos, arrendadas sanefas, balaustradas, arvoredos, folhagens e outras surpreendentes e deslumbrantes maravilhas, que a avermelhada luz dos archotes engrandece na razão da exaltação do pensamento diante do assombroso e monumental palácio das fadas dos contos da infância, edificado pelos séculos como obreiros, sob a direção da natureza como arquiteto [...] (AGUIAR, 1971, p.161).

Ao lado de uma relação com a arquitetura eclesiástica, o autor faz outras associações também com referências mitológicas, talvez numa tentativa de legitimar o papel da caverna como uma grande obra arquitetônica da natureza que não só provoca admiração perante os olhos de quem a observa, mas faz aguçar a curiosidade e fluir o imaginário. Numa outra perspectiva, as associações feitas pelo autor podem estar relacionadas às várias concepções que os grupos sociais que frequentam a gruta (caverna) têm do espaço que a constitui, uma vez que tal espaço nunca será o mesmo, sobretudo para o peregrino que o vê como lócus de salvação.

Assim, no geral, as descrições acima são tomadas por uma concepção de valorização da natureza, mas, é como lugar de peregrinação religiosa que a Gruta da Mangabeira se tornou referência para toda a região. No entanto, há que se levar em consideração a estreita relação entre a natureza e o santuário, visto que, em muitos contextos, esta é concebida como lugar de manifestação do sagrado.

Zeny Rosendahl (2012), ao analisar a topografia dos lugares santos, especificamente os santuários brasileiros, diz que estes estão geralmente no alto de uma colina, abrigando os símbolos de devoção. No entanto, o acesso ao santuário da Mangabeira exige do fiel a descida de uma longa escadaria, o que mostra que, às vezes, ao contrário de subir, é preciso descer para contemplar a face de Deus. Após a descida dos 99 degraus, que dão acesso à caverna, chega-se ao salão principal do santuário, onde

ficam os altares: à direita, o principal, construído em 1911 e dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro do santuário, cuja imagem é considerada milagrosa pelos romeiros e devotos; à esquerda, o altar do Sagrado Coração de Maria, imagem doada por um antigo morador do povoado, Seu Deocleciano de Souza Novais. Seguindo à direita, em direção ao interior, encontra-se o segundo salão, conhecido também por salão dos milagres, onde existem duas clarabóias naturais, que, segundo a tradição, seria por onde teriam caído o cavalo e o vaqueiro.

Nesse local fizeram um pedestal em argamassa, fincando um cruzeiro alto com emblemas cristãos, em madeira, durante a missão de 1888, provavelmente pregada pelos frades lazaristas da Congregação da Piedade, que com a ajuda de moradores, exploraram o local referenciado como milagroso (GUIMARÃES, 2004). No entanto, segundo o ituaçuense Álvaro Portela Silva (1991, p.9), a primeira travessia da caverna teria ocorrido no ano de 1886, pelo inglês Joseph Mawson, supervisor da estrada de ferro Central da Bahia, cuja placa deixada por este em uma das paredes do salão principal é indicativa de tal acontecimento.

Embora não tenhamos encontrado na documentação analisada registros referentes às missas no salão onde teria ocorrido o milagre, é recorrente na fala de antigos moradores, que antes da construção dos altares da sala principal, era aí, que ocorriam não só as missas, mas toda sorte de pagamento de promessas, rezas como o terço e o ofício de Nossa Senhora. Tais rituais nos fornece elementos que auxiliam na compreensão de como o cruzeiro se estabeleceu de forma evidente como lugar santo, detentor de uma memória que transpõe aparente e momentaneamente todas as especificidades dos grupos que frequentam aquele ponto específico do santuário (rezadeiras, romeiros, devotos, moradores, entre outros) como local de salvação e de redenção na tradição que se enraizou naquele lugar.

O mito fundador

Para Mircea Eliade (2010, p.84), o mito é o relato de uma história que se autoproclama como verdade e tem uma configuração essencialista que proclama a aparição de uma nova “situação” cósmica ou de um acontecimento primordial, ocorrido no tempo que passou *in illo tempore*, quando uma realidade começou a existir. Nessa acepção, o mito é a narrativa de uma criação e pode ser compreendido como a expressão de uma realidade humana que dá sentido ao mundo que nos cerca, cuja “essência” é uma representação coletiva, conduzida de gerações para gerações.

Na tradição oral local, a origem do santuário do Sagrado Coração de Jesus está atrelada ao mito do vaqueiro. Ao se reportar aos estudos realizados por Victor e Edith Turner sobre a figura do vaqueiro e sua recorrência nas histórias sobre a origem de

santuários católicos, Carlos Alberto Steil destaca que, para esses autores, a presença reiterativa de vaqueiros e pastores nas histórias de origem dos santuários estaria evocando o mito do nascimento de Jesus e da adoração dos pastores, narrado por Lucas (STEIL, 1996, p.155). Embora tal colocação nos pareça generalista, é provável que, ao lado do mito pastoral e cristológico, haja uma dimensão mais rural, agrária, popular, associada à ideia de que Deus está nos homens e mulheres simples, dos trabalhadores do campo. Sendo assim, o mito retratado em nossa pesquisa integra uma narrativa mais ampla, produzida não só por romeiros e devotos que peregrinam para Ituaçu, mas de diversos lugares do mundo. É nesse universo que estes recolhem fragmentos para preservar sua memória, construir suas histórias e suas visões de mundo.

Seu Deocleciano de Souza Novais, funcionário público aposentado e antigo morador do povoado da Gruta da Mangabeira, em entrevista concedida, juntamente com outros moradores, ao *Jornal A Tarde*, em 1986, cuja matéria tinha por objetivo divulgar o culto ao Sagrado Coração de Jesus e legitimar o lugar como local de romaria, deixa emergir de sua memória as histórias que ouvira sobre a formação do santuário:

Segundo os mais antigos que eu, antes do século XIX, um vaqueiro tange uma vaca com um bezerro, acompanhado por um cachorro muito esperto. O vaqueiro montava um cavalo alazão, acostumado a correr campo. De repente ele viu a vaca, o bezerro e o cachorro desaparecerem de seus olhos. E, como se a terra estivesse se abrindo abaixo de seu corpo, sentiu que seu cavalo estava caindo [...] descendo por um enorme precipício, de fundura sem fim. Pressentindo o perigo que o rondava, valeu-se do Sagrado Coração de Jesus.

E quanto menos esperava, sentiu de novo a terra firme sob seus pés e viu que nada lhe tinha acontecido. Que nada sofrera na queda. Viu depois, que realmente havia caído de uma altura imensa, incalculável e que não havia nenhuma possibilidade de sair por onde caíra, uma fundura de aproximadamente 100 metros (NOVAIS, 1986, p.1-2).

Por meio da narrativa de Seu Deocleciano é possível perceber que o elemento fundante nem sempre fica apreendido em um tempo mítico, incomensurável, mas, também, em um tempo passado mensurável, re-atualizado e reinventado pelos romeiros,

cuja função é legitimar o culto e sacralizar o espaço. Embora não tenhamos encontrado registros de narrativas produzidas no período, as histórias contadas e recontadas pelos personagens de nossa pesquisa são ratificadas por outros moradores, conforme se pode perceber na narrativa de Seu Livino Meira, comerciante aposentado e morador do povoado da Gruta da Mangabeira desde 1930, quando, segundo este, chegara ainda bebê de colo:

O povo mais velho contava que o vaqueiro vinha aí em cima da Gruta (referindo-se ao morro onde está localizada a gruta) aí correndo; foi uma vaca, o vaqueiro e o cachorro. Caiu tudo no suspiro, lá no Cruzeiro; caiu e ele gritou que o Coração de Jesus valesse ele. Foi o que ele achou quando chegou embaixo. Não aconteceu nada. Não morreu nem ele, nem um daqueles bicho: não morreu cachorro, não morreu vaqueiro, não morreu vaca, não morreu nada! Só pelo poder de Coração de Jesus, tudo valeu! [...] O poder de Deus ali vem do Coração de Jesus! É o coração de Jesus Cristo! (MEIRA, 2014, p.2).

A narrativa acima evidencia o imbricamento entre mito e história no entendimento de um lugar sagrado, onde o milagre não só é a resposta de Deus às súplicas e aflições humanas, mas também a gênese de uma religiosidade local pautada na figura de Cristo, cujo representante é o Coração de Jesus.

Conforme observamos nos relatos acima, há um consenso nas versões referentes ao mito que teria dado origem ao santuário. No entanto, mesmo que este emerja de um único sentido, há sempre um lugar para a divergência. Visto por essa perspectiva, tomamos aqui, a narrativa de Dona Alzira:

[...] mamãe contava o caso, o homem não caiu vivo, ele caiu morto, foi o serrado, mas tava de um jeito que parecia terra, o cavalo disse que caiu com cabeça ainda vivo, mas o homem caiu morto, aí eu falei, fala aí como foi que descobriu a gruta. Aí agora eles ficaram louco. Aí agora chegou os dos cachorros chegou na casa, aí tudo aprontado, a vaca desapareceu, aí disse assim, ué, os cachorros apareceu, vamos atrás, aí os cachorros foi certinho no canto, aí agora disse que onde caiu o cavalo abriu aquele buracão,

clarão, disse que pegaram , não tinha corda antigamente, aí tinha muito croa que fazia corda, ai faziam muita corda, aí fizeram uma corda e botaram , ai disse você tem coragem de ir, disse que viu lá o cavalo e o homem, aí que desceu um, aí tornou subir a corda e desceu outro, pra poder ver, aí, fizeram um bocado de rolo, tinha muita pia, desmanchavam (OLIVEIRA, 2014, p.1).

Ao recordar a versão contada por sua mãe, contrariando as demais, no que diz respeito ao destino do vaqueiro, Dona Alzira fornece indícios que ratificam o que diz Marilena Chauí (2000) sobre o mito fundador como aquele que não cessa de encontrar novas maneiras de se exprimir, novos valores, novas ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. Mesmo tendo partido de outro referencial, essa narrativa reproduz uma racionalidade lógica que não exclui totalmente a dimensão sobrenatural e maravilhosa.

Nessa perspectiva, as dúvidas, incertezas e contradições não deslegitimam o culto ao Sagrado Coração de Jesus, ao contrário, constituem a base sobre a qual os romeiros sacralizam seus espaços, reinventam seu mundo cultural e dão sentido as suas tradições. Pode-se falar, então, de um único mito fundador, porém com pelo menos duas versões para o desfecho de seu protagonista, sendo a primeira reconhecida e legitimada pelos romeiros.

A sacralização da caverna

Sandra Regina Mendes (2003) destaca que muitas pessoas temem as cavernas por acreditarem que ali moram animais encantados, seres de outro mundo ou porque em seu interior acontecem fatos sobrenaturais. Para Elvis Barbosa (2013), tais referências permeiam a maioria das religiões e conduzem o imaginário popular. Assim, conforme destaca o autor, desbravar uma caverna e adentrar na sua imensidão escura significa desbravar o próprio medo e renascer das trevas; é o mito do renascimento que habita o imaginário inconsciente do fiel e transforma o espaço natural em sagrado; representação terrestre do mundo imaterial destacado por Eliade (2010), a *imago mundi*. Em muitos locais podem ser encontradas cavernas envoltas em uma aura de mistério, mística e lugar de manifestações religiosas. Neste sentido, a Gruta da Mangabeira, constitui-se em um exemplo de lugar místico que atrai peregrinos, uma vez que a partir da divulgação do mito do vaqueiro, na região, a grande lapa tornou-se palco de manifestações de fé, uma espécie de centro mítico capaz “de produzir poderosos sentidos e significados para os seus devotos” (STEIL, 1996, p.37), atraindo romeiros e penitentes de várias localidades

da Bahia e de outros Estados que segredam ao Sagrado Coração de Jesus, suas dores, seus lamentos e suas preces.

Ao referir-se às várias maneiras pelas quais o homem religioso recebe a revelação da sacralidade de um lugar, dentre estas, a ajuda de animais, Mircea Eliade explica:

São eles que mostram que lugar é suscetível de acolher o santuário ou a aldeia [...] são os animais que revelam a sacralidade do lugar, o que significa que os homens não são livres de escolher o terreno sagrado, que os homens não fazem mais do que procurá-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos (ELIADE, 2010, p. 31).

Nesse sentido, retomamos aqui o discurso de dona Alzira transcrito no fragmento referente a uma das versões do mito fundante do santuário, que vem alinhar-se ao pensamento acima, quando esta afirma ter ouvido de sua mãe que o vaqueiro não sobreviveu à queda e que quem indicou o caminho foi o cachorro que “foi certinho no canto”. Na narrativa anterior, o animal foi também a causa inicial para que o vaqueiro rogasse a Deus que o salvasse.

As primeiras referências a atos sacros no interior do santuário, conforme Durval Aguiar (1971), são aproximadamente de 1884, quando frades lazaristas, membros da congregação religiosa fundada por São Vicente de Paula para evangelizar a gente pobre do campo, celebraram a primeira missa com a ajuda das famílias locais que iluminaram e enfeitaram o altar como se fosse para uma festa.

Dessa forma, naturalmente ou milagrosamente criado, o lugar tornou-se centro de romaria, atraindo de muito longe, romeiros, penitentes, humildes, lavradores que segredam no interior da Gruta, ao Sagrado Coração de Jesus, os seus lamentos, suas ilusões, suas preces, suas dores terrenas, carregados pelo peso do pecado, do sofrimento e retornam elevados pela graça do perdão e da paz (MORAIS, 1989, p.3).

Em busca do espaço sagrado: as romarias ao santuário do Sagrado Coração de Jesus

As romarias da Gruta da Mangabeira, conforme mostram as fontes analisadas, sobretudo as fontes orais, estão inscritas numa ordem que transcende a experiência humana, numa jornada rumo a um mundo de significados cosmológicos. Estão marcadas por uma relação de longa duração, em que os laços de amizade e o compromisso fundado sobre a reciprocidade e lealdade entre os romeiros e o Sagrado Coração de Jesus

dificilmente terminam com o cumprimento do voto feito, mas, permanecem numa relação que, além de durar por toda uma vida, muitas vezes, é postergada aos filhos, netos e bisnetos. São alianças seladas no espaço sagrado. Dessa maneira, “o voto é, no contexto da romaria, um instrumento relacionador por excelência, não apenas entre os seres humanos e os santos, mas também entre os homens e mulheres que se fazem peregrinos” (STEIL, 1996, p.102).

A partir da experiência vivenciada pelos peregrinos do SCJ é que procuramos levantar as razões e os sentidos que mobilizam homens e mulheres a migrarem do seu meio rural e se colocarem num caminho que impõe a estes uma obrigação que se torna cada vez mais viva, a calcular pelo número de anos comprometidos nessas idas e vindas, numa aliança constante de renovação com o criador. Assim, a partir da divulgação do primeiro milagre atribuído ao SCJ, ao livrar da morte o vaqueiro e os animais que o acompanhavam, a Gruta da Mangabeira transformou-se em uma espécie de centro mítico, atraindo romeiros e penitentes procedentes de várias localidades, conforme atesta o relato de Seu José Cabral, antigo morador local:

Eles vinha dessa caatinga aí, ó; de Suçuarana, Brumado, da Chapada de Rio de Contas; eles vinha no animalzinho [...] vinha e no outro dia voltava né? [...] de Jussiape, né? De Barra da Estiva pra lá, tudo vinha atrás de romaria (CABRAL, 2014, p. 1).

A chegada desses romeiros está presente também na memória de seu Reinaldo, que reintera aspectos do discurso acima:

Vinha a cavalo; de animais. A maior era a de Jussiape. O chefe da de Jussiape eu não me lembro, mas parece que se chamava Raul [...]. Naquela época, como meu pai era proprietário de praticamente 80% daquelas casas ali, eu me lembro das mangas que a gente tinha de botar animais. Naquele tempo mesmo de menino eu ganhei muito dinheiro porque eles hospedavam em nossa casa e eu levava os animais prá manga, prá dá água porque a água era distante do pasto [...]. Naquela época era época do tropeiro; as mercadorias eram carregadas através de animais. [...]levavam

alimentos e faziam tudo nas casas que eles alugavam (NOVAIS, 2016, p.1).

Embora a intenção nesse trecho seja mostrar os locais que integravam o circuito que se estabelecia em Ituaçu, em direção ao santuário, chamamos atenção para as narrativas acima por serem reveladoras da identidade do lugar, onde moradores e romeiros aprendem a compartilhar sentimentos como hospitalidade e solidariedade, ainda que dessa relação resultem em algum tipo de ganho material. Vale ressaltar que a grande maioria dos romeiros, sobretudo aqueles que tinham poucos recursos, abrigava-se em barracas com lonas improvisadas nas imediações do santuário. A narrativa acima aponta, ainda, para a incorporação de outro elemento social no espaço da romaria – o tropeiro – o que reforça a ideia de que essa prática, mesmo sendo um ato religioso, inclui outros aspectos da atividade humana.

Esses romeiros, com destaque para as caravanas procedentes de Curralinho (Dom Basílio) e Mutuípe (à época Fazenda Mutum), cujas romarias datam aproximadamente das décadas iniciais do século XX, costumavam chegar a Ituaçu no mês de junho, para as festividades do SCJ, conforme a tradição da Igreja Católica. Segundo consta no Livro de Tombo da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Alívio (1897, p. 2), devido às dificuldades de acesso ao povoado, em virtude das fortes chuvas que ocorriam no período, a partir de 1934, Frei Pedro Margallo, pároco local, solicitou em carta ao bispo da diocese, a transferência dos festejos para os meses de agosto e setembro.

A justificativa para tal mudança era que o mês de junho, na região, era bastante neblinoso, friorento e extremamente desconfortável para as caravanas de peregrinos, sem contar com as estradas periodicamente intransitáveis pelos atoleiros e constantes enchentes do Rio da Várzea, que corta a estrada de acesso ao santuário. Por conta desses constantes transtornos, os festejos dedicados ao SCJ eram frequentemente interrompidos, prejudicando não só o comércio local, que se desenvolvera em torno do santuário, mas, provavelmente à paróquia, que deixava de receber os donativos depositados nos cofres do santuário pelos romeiros.

Após a alteração da data, a novena tinha início no dia 25 de agosto, após a festa de Nossa Senhora do Alívio, e se estendia até 3 de setembro, com o leilão beneficente e a celebração da missa em louvor ao Sagrado Coração de Jesus. Tal mudança possibilitou o aumento das romarias e com estas, mudanças nas vias de acesso ao santuário, com restauração de degraus das escadarias e instalação de cabos de aço que servem de corrimão. Esses romeiros costumavam chegar a Ituaçu depois dos festejos de Bom Jesus da Lapa, em 6 de agosto, numa afluência contínua até o final do mês de setembro a meados do mês de outubro. Em sua maioria, são trabalhadores do campo, pequenos

comerciantes, motoristas, que, geralmente, organizam suas viagens com pessoas de suas relações, como parentes, amigos, estendendo para o espaço sagrado, as relações existentes em seus locais de origem.

Relatos de antigos moradores guardados na memória dos que vivem na localidade revelam que inicialmente, logo nas primeiras décadas do século XX, os romeiros que chegavam ao santuário, tanto os das regiões próximas quanto os de lugares mais distantes, chegavam a pé ou por meio de animais de montaria, passando depois, nas décadas seguintes, a realizar a jornada em caminhões adaptados para o transporte de passageiros (paus-de-arara) com assentos improvisados com tábuas e em situações extremamente arriscadas, o que nos faz inferir que o sacrifício na romaria é um fator preponderante na promessa feita à Jesus. Vale ressaltar, que mesmo com a introdução desse meio de transporte, muitos fiéis que se dirigiam ao santuário continuaram a fazer o percurso a pé ou a cavalo, sobretudo aqueles, cuja promessa exigia uma penitência que revelava o verdadeiro sentido da romaria.

A logística da romaria e o cotidiano do romeiro na Gruta da Mangabeira

Tudo começava com o organizador da peregrinação chamado também de chefe de romaria ou chefe de lotação, que podia ser um homem ou uma mulher, cuja tarefa inicial era procurar as pessoas interessadas em viajar. Presumimos que não devia ser uma tarefa muito fácil, já que o grande desafio era preencher todas as vagas no caminhão.

Após o vencimento dessa etapa, era combinada a data de saída, seguida do contato, geralmente via telégrafo, com os donos das casas de aluguel para que estes providenciassem alojamentos para todos os peregrinos. Chegado o dia da “grande viagem”, após reunir todos os participantes, o chefe de romaria passava os avisos e, em seguida, o roteiro da viagem.

A saída do caminhão era um momento solene e de muita emoção, marcado pela oração inicial e a cantoria. Os romeiros entoavam cânticos vindos de longe, nascidos no seio das suas comunidades, transmitidos oralmente e adaptados segundo as devoções locais. Vestiam roupas brancas e usavam chapéus de palha com fitas vermelhas que simbolizavam o Coração de Jesus. A caracterização simples é desprovida de quaisquer formas de competição, conforme atestam moradores do povoado. Assim, os romeiros chegavam ao Santuário entoando:

[...] O meu coração
É só de Jesus
Minha alegria
É a Santa Cruz

Eu só peço a Deus
Na minha oração
Que viva Jesus!
No meu coração [...]

Outras vezes, seguido este cântico, entoavam “Coração Santo”, parte integrante do repertório escrito pela Igreja Católica e apropriado pelas comunidades de romeiros:

[...] Coração Santo, Tu reinarás
Tu nosso encanto, sempre serás!
Coração Santo, Tu reinarás
Tu nosso encanto, sempre serás!
Jesus amável, Jesus Piedoso
Pai amoroso, frágua de amor!
Aos Teus pés venho, se Tu me deixas
Sentidas queixas, humilde expor!
Divino Peito, que amor inflama
Em viva chama, de Eterna Luz![...].

Esses cânticos reafirmam o poder da cruz, símbolo, que segundo Steil, fora associado à autoridade central de Roma durante o período das Cruzadas e ao poder dos reis católicos na reconquista da Península Ibérica (STEIL, 1996) e, ao longo dos séculos, apropriado pelas ordens religiosas europeias, sobretudo os capuchinhos, em suas práticas missionárias. Embora para as populações sertanejas, conforme observou Cândido da Costa e Silva (1982), a mística da cruz esteja associada à presença constante da morte ou à expectativa desta, face à dureza e aspereza da vida, em que esse símbolo “se transmuda em signo mortificante dos vivos, os recitativos presente nos cânticos, ressaltando a alegria da reconciliação com Deus, através da cruz, alimentava a fé e a sensibilidade do povo” (SILVA, 1982, p. 62-64).

Sobre a chegada dos romeiros ao povoado da Gruta, Seu Reinaldo Novais faz a seguinte observação: “eles chegavam de carro ou a cavalo; eles chegavam assim, na folia, rezando, soltando fogos. [...] era bonita a chegada deles; a chegada e a saída era sempre muita bonita” (NOVAIS, 2016, p. 2). O sofrimento e o cansaço que marcavam a jornada até o santuário eram superados pela alegria do encontro com o SCJ.

Ao chegar à Gruta da Mangabeira, local do santuário, a primeira providência do dono da lotação era alojar os romeiros na casa previamente alugada, geralmente nas proximidades do santuário. Ali, as despesas corriam por conta de todos os participantes,

mas, em algumas situações, aqueles que não tinham condições ou não haviam feito suas economias, acabavam por alojarem-se no próprio caminhão ou em barracas improvisadas com lonas. Tal situação representava, conforme observou Elivaldo de Jesus, nas romarias a Nossa Senhora dos Milagres de Brotas, também na Bahia, a ruptura da aparente igualdade que demarcava dentro do espaço sagrado, os “mesmos lugares sociais da vida no campo” (JESUS, 2006, p.89).

Vale salientar que, à época, o povoado da Gruta era um lugar sem infraestrutura, como lembra Dona Alzira: “não tinha esse negócio de água encanada, não; buscava água na lagoa” (OLIVEIRA, 2014, p. 2). Dessa forma, presumimos que atender às demandas da romaria era tarefa difícil, em que atividades como tomar banho e cozer exigiam dos romeiros o deslocamento de seus alojamentos até a lagoa, onde munidos de latas e moringas, abasteciam-se de água até o dia da viagem de volta. A escassez de pontos de venda ou armazéns comerciais obrigava os fiéis a carregarem seus próprios alimentos e preparar as refeições em fogareiros improvisados com pedras e troncos secos de árvores ou, outras vezes, em fogões cedidos pelos proprietários das casas ou “rancharias” ou por moradores locais, cuja sobrevivência naquela época do ano dependia diretamente das romarias ali empreendidas.

Em depoimentos, os antigos moradores e romeiros, com tradição de visita ao santuário, narram toda sorte de sacrifícios e padecimentos presentes no cotidiano da romaria. A viagem, a chegada, a instalação nos arredores do santuário e a partida de volta para casa, revestem a experiência vivida na romaria a uma *via crucis* que representa, simbolicamente, para os cristãos, o sofrimento de Jesus. Porém, em menor proporção, representa também o sofrimento de todos aqueles que carregam internamente a sua cruz e que, voluntariamente, se põem a peregrinar na esperança de se tornarem merecedores da graça divina. Tais sacrifícios, mesmo inseridos num catolicismo leigo e devocional, à maneira da comunidade local, dialogam perfeitamente com o catolicismo defendido pelas autoridades eclesásticas.

Ao enfatizarem as dificuldades da viagem e o sacrifício que envolvia os dias no espaço sagrado da Gruta da Mangabeira, mesmo não tendo possuído um domínio amplo das escrituras sagradas, os romeiros reiteravam o sentido penitencial da romaria, onde pecado e sofrimento estavam intimamente interligados na tradição cristã, ou seja, a romaria trazia para a cena esta ligação, fazendo com que cada peregrinação fosse vivida como uma performance do drama escatológico da salvação.

Na Gruta da Mangabeira, geralmente, os romeiros eram auxiliados por um guia local para fazerem a “travessia”, percurso que ia desde o primeiro salão, onde se localizava o altar principal com as imagens do Sagrado Coração de Jesus e o Sagrado Coração de Maria, até a saída da caverna, distância de aproximadamente 3.230 metros. À

altura de mais ou menos uns 500 metros da entrada principal, uma grande fenda na rocha, formava uma bonita claraboia de onde, segundo a tradição local, teriam caído o cavalo e o vaqueiro, sendo erguida ali, provavelmente pelos missionários Capuchinhos, uma grande cruz denominada Cruzeiro. Tal “monumento” passara a ser o *locus* de salvação, lugar por excelência sagrado, “onde verdades e crenças romeiras puderam se ‘materializar’ em uma localidade” (BRAGA, 2008, p.297-298).

Apesar do corredor por onde transitava os romeiros ser largo, “o solo era arenoso em alguns lugares e pedregoso noutros” (WANDERLEY, 1957, p.28). Tratava-se, portanto, à época, de um percurso penoso, insalubre, com ar úmido e rarefeito, condições que obrigavam os romeiros, principalmente os mais idosos, a retornarem ao salão da entrada após as orações no Cruzeiro. Tal situação, em que infligiam a si mesmos sofrimento físico e resistência em nome da fé, revelava um dos principais sentidos da romaria, fazer penitência, tornando-se um elemento identitário do próprio local.

Ao retornarem da “travessia”, tinham que alcançar o alto da escadaria que dava acesso à saída, tarefa difícil, sobretudo para aqueles já debilitados pela lida diária no campo. Depois, juntavam-se àqueles que, por doença ou outros motivos, iam somente até o Cruzeiro, local em que geralmente faziam orações, rezavam ladainhas, pagavam suas promessas, acendiam velas e se benziavam com a água “milagrosa” que brotava das pedras. Depois de cumprirem com esses rituais é que se entregavam à prática de soltar foguetes e “rojões”, costume que selava o cumprimento da promessa feita ao Coração de Jesus.

Uma vez cumpridas todas as promessas, considerando a forma e o momento em que cada um vivia a devoção, os romeiros não só se sentiam leves e com a alma recarregada dos bons fluidos daqueles instantes, mas, também, bem dispostos para aproveitarem outras formas de celebrações, bem como as alegrias dos dias restantes no local que consideravam sagrado. A emoção presente nos discursos dos protagonistas deste trabalho ratifica o que consideramos ser o deslocamento dos devotos do Sagrado Coração de Jesus para o exercício de sua fé. Desse conjunto, destacamos o que traduz o sentimento que se materializa na narrativa de Seu Domingos Caetano, ex-lavrador e romeiro, ao se referir ao ato de despedida do Coração de Jesus: “Nois leva aquela saudade do Coração de Jesus, aquela recordação! E eu, ainda sonho entrando na Gruta!” (VIEIRA, 2016, p. 2).

Considerações finais

Os depoimentos orais, as crônicas e memórias escritas por itaçuenses e os documentos eclesiais nos permitiram construir uma narrativa acerca da vivência religiosa em Ituaçu, engendrada por ações de sujeitos que aí produziram subjetividades, construíram experiências devocionais e redes de significados. Para tanto, analisamos, no

período de 1900 a 1950, o desenvolvimento da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, responsável pelas peregrinações ao Santuário da Gruta da Mangabeira.

Por meio das entrevistas realizadas, acessamos as memórias de homens e mulheres que ao reconstituírem o tempo vivido, permitiram a apreensão de experiências concretas, condicionadas por tempos, lugares e relações sociais. O alcance dessa documentação foi possível através do trânsito por temporalidades diversas, num jogo temporal de memória entre passado e presente, em que os sujeitos não falam apenas do passado que eles viveram quando crianças, e sim, de um passado cujas memórias são de outros sujeitos, mas que eles adotam como se fossem suas.

As narrativas construídas pelos devotos revelaram-nos a existência de um mito fundador, a lenda do vaqueiro e seus animais (um cavalo e um cachorro), que caíram na gruta e, apesar da profundidade da abertura no monte, não se machucaram. Creditam essa intervenção e graça ao Sagrado Coração de Jesus, a quem o homem implorou para que os socorressem. A partir da constatação do milagre, os moradores de Ituaçu e das proximidades da Gruta da Mangabeira sacralizaram aquele espaço no qual acreditam que o sagrado se manifestou. A caverna deixa de ser apenas uma cavidade natural escura e perigosa para se tornar um lugar sagrado, iluminado pela graça divina e pela intercessão do seu filho Jesus, sob a invocação do Sagrado Coração.

Apesar do culto ao Sagrado Coração de Jesus ser aprovado pela Igreja Católica e, geralmente, dirigida pelos padres, a divulgação do milagre, o início da devoção e a organização das romarias para Ituaçu foram ações leigas. Dessa forma, constatamos que as práticas religiosas, desenvolvidas na Gruta da Mangabeira a partir do início do século XX, fazem parte de um catolicismo tradicional, leigo e de profunda devoção aos santos, mas, que, embora com alcances diferentes, não se contrapõem ao catolicismo reformado no século XIX.

Além do processo mítico-ritualístico que sacralizou o santuário, analisamos no âmbito das romarias como as peregrinações fincaram raízes no cotidiano do lugar. Muitas vezes os romeiros fazem um circuito religioso que começa na romaria para Bom Jesus da Lapa e termina na Gruta da Mangabeira. É o mesmo Jesus homenageado, mas sob duas diferentes invocações: o Cristo crucificado (Bom Jesus) e o Coração de Jesus. A logística e organização dos romeiros, que anualmente, no mês de agosto, chegam a Ituaçu, remetem à necessidade de enfrentar desafios e dificuldades e fazer sacrifícios no ato de peregrinar para pedir uma graça ou agradecer por tê-la alcançado. Para o romeiro é importante pisar um solo santo, no caso, uma gruta sagrada, onde o filho de Deus se revela. A novena, as rezas, as missas, os cânticos e as orações criam o ambiente de proximidade com o sagrado. O clima de devoção e festa é fundamental para pedir,

agradecer, render graças, assim como garantir a manutenção dos acordos de fé aos pés do Sagrado Coração de Jesus.

Fontes orais:

CABRAL, José Joaquim, 84 anos, ex-lavrador e morador da Gruta da Mangabeira. Entrevista concedida em 05/09/2014.

DAMASCENO, João Batista, 76 anos, lavrador, romeiro e chefe de romaria. Entrevista concedida em 05/10/2015.

MEIRA, Livino Alves, 85 anos, comerciante aposentado e morador da Gruta da Mangabeira. Entrevista concedida em 07/09/2014.

NOVAIS, Reinaldo Oliveira, 75 anos, funcionário público aposentado e antigo morador da Gruta da Mangabeira. Entrevista concedida em 03/01/2016.

OLIVEIRA, Alzira Souza de Oliveira, 89 anos, ex-lavradora e rezadeira local. Entrevista concedida em 04/09/2014.

SILVA, Jason Manoel da, 82 anos, vendedor autônomo, romeiro do Distrito de Fazendinha, Bom Basílio (Antigo Curralinho). Entrevista concedida em 07/09/2014.

SOUZA, Maria Anésia de Souza. Entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, em set. 1986cb.

SOUZA, Miguel Antônio de. Entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, em set.1986a.

VIEIRA, Domingos Caetano, ex-lavrador e romeiro de Bom Jesus da Serra-Ba. Entrevista concedida em 03/01/2016.

Fontes impressas:

AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições práticas da Província da Bahia*. Salvador, BA: Editora da Bahia, 1971.

ÁVILA, Aloísio. Acontece na cidade. *Jornal Avante*, Ituaçu, 12 de abr. 1934.

COSTA NETO, Antônio Francisco da. História de Ituaçu: a Gruta da Mangabeira. *A Tarde*. Salvador, set. 1986. Caderno especial, p. 1-2.

DICIONÁRIO Geográfico e Histórico da Bahia – 1923 – Setor de documentação baiana. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

GUIMARÃES, Ordálvio Souza. *Bandeirantes e Sertanistas na Chapada Diamantina*. Salvador, BA, 2004.

LIVRO de Tombo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Alívio (1897). Arquivo da Igreja Matriz de Ituaçu.

MORAIS, Eduardo. A Gruta da Mangabeira. *Tribuna de Ituaçu*. Ituaçu, out. 1989. n. 1, p. 3.

NOVAIS, Agnaldo Oliveira. *A fabulosa Gruta da Mangabeira*. Salvador, BA: Empresa Gráfica da Bahia, 2006.

NOVAIS, Deocleciano de Souza, funcionário público aposentado e antigo morador do povoado da Gruta da Mangabeira. Entrevista concedida ao Jornal *A Tarde*, em set. de 1986, Caderno especial, p. 1-2.

WANDERLEY, Zilteman. *A Gruta da Mangabeira: uma das maiores maravilhas do Estado da Bahia*. Salvador, BA: Escola gráfica N. S. de Loreto, 1957.

Referências bibliográficas:

- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. Petrópolis: Vozes, 1978
- _____. *Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro, n.1, maio 1977.
- BARBOSA, Elvis Pereira. Cavernas como espaços sagrados. In: RASTEIRO, M. A.; MORATO, L. (Orgs.) Congresso Brasileiro de Espeleologia, 32,2013. Barreiras. *Anais...Campinas: SBE, 2013. p. 157-165. Disponível em: http://www.cavernas.org.br/anais32cbe_157-165.pdf. Acesso em 28/07/2017.*
- BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um Padre, antropologia de um santo*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.
- CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COUTO, Edilece S.. *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. Salvador: EDUFBA, 2010.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FERREIRA, Jurandir (Org.). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janáina. (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- FRANÇA, Susani S. L. Peregrinos e centros de peregrinação. In: FRANÇA, Susani S. L.; NASCIMENTO, Renata C. de S.; LIMA, Marcelo P. (Org.). *Peregrinos e Peregrinações na Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- JESUS, Elivaldo Souza de. *Gente de promessa, de reza e de romaria: experiências devocionais na ruralidade do Recôncavo Sul da Bahia (1940-1980)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2013.
- MEIRA, Rita de Cássia Novais. *O impacto das atividades econômicas na Gruta da Mangabeira*. Monografia. Vitória da Conquista-BA: UESB, 1996.

- MENDES, Sandra Regina. O imaginário como objeto da História. In: TEIXEIRA, Marli Geralda (Org.). *O imaginário das grutas*. Ilhéus/BA: Editus, 2003.
- MOTA, Geová Nepomuceno. *O fenômeno religioso da romaria sob a perspectiva da fé cristã: A romaria do santuário de Bom Jesus da Lapa*. Dissertação de Mestrado em Teologia. FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2008.
- MOTA, Tânia Maria Meira. O ofício das rezadeiras: crenças, saberes e práticas religiosas e curativas em Ituaçu-BA. In: Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades, 4 nov. 2014, Caicó. *Anais...*Caicó-RN: CERES/UFRN, 2014. p. 140-158.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. *Uma comunidade sertaneja, da sesmaria ao minifúndio: um estudo de História regional e local*. Feira de Santana: Editora UEFS/Salvador: EDUFBA, 1998.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.
- _____. *Hierópolis: O Sagrado e o Urbano*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- _____. *Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. *O dono da terra: o caboclo nos candomblés da Bahia*. Salvador: Sarah Letras, 1995.
- SILVA, Cândido da Costa e. *Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.